

A PSICOTERAPIA INFANTIL NA VISÃO PSICODRAMÁTICA: A CRIANÇA EM CENA

The child psychotherapy in psychodramatic vision: the child at dinner

Fabricia Espindola Pereira¹
Elenice de Freitas Sais²
Amanda Castro³
Jamile Rosa Ladslau⁴

1

RESUMO

O presente artigo é uma revisão integrativa, que aborda sobre a psicoterapia infantil na visão psicodramática, trazendo um pouco sobre a história do psicodrama e como esta abordagem surgiu. Traz alguns conceitos importantes no psicodrama e de que forma estes contribuem dentro da psicoterapia. Busca-se compreender como esta teoria funciona e quais benefícios proporciona para a psicoterapia infantil, englobando questões acerca da espontaneidade da criança, de como trabalhar o lúdico, do brincar/brinquedo (ludoterapia) e quais proveitos se pode tirar destas brincadeiras na realidade suplementar do “como se”, mostrando a importância de tais, dentro da abordagem psicodramática. Os resultados deste estudo foram que o psicodrama infantil busca a espontaneidade na criança perdida, fazendo com que esta consiga desenvolver confiança em si mesma, utilizando os recursos já citados, mostrando as contribuições da abordagem dentro da psicoterapia infantil.

Palavras – Chave: Psicodrama, Criança, Brincar, Ludoterapia.

ABSTRACT

The present article approaches child psychotherapy under the psychodramatic perspective, debating about the psychodrama history and how this theory emerged. There are important concepts of psychodrama and the way this theory contributes to psychotherapy. This article aims to understand how this theory works and what benefits psychodrama provides for child psychotherapy, including aspects regarding child spontaneity, how to work with the ludic, the play/toy (ludotherapy) interaction

¹Acadêmica da 10ª fase do curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Email para contato: fabi_pereira92@hotmail.com

²Professora do Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

³Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Email para contato: amandacastrops@gmail.com

⁴Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Email para contato: jamile.ladislau@hotmail.com

and the advantages that can be drawn from playing in a supplementary reality of the "as if", showing the importance of these tools, within the psychodramatic theory. The results of this study showed that child psychodrama seeks spontaneity in the lost child, allowing the child to develop confidence in themselves, using the resources already mentioned above, showing the contributions of the approach within the child psychotherapy.

Keywords: Psychodrama, Child, Playing, Ludotherapy.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP), o psicodrama (Psico = Psique e Drama = ação em grego) pode ser definido como uma via de investigação da alma humana mediante a ação. É um método de pesquisa e intervenção nas relações interpessoais, nos grupos, entre grupos ou de uma pessoa consigo mesma. Além disso, o psicodrama mobiliza o psiquismo para vivenciar a realidade a partir do reconhecimento das diferenças e dos conflitos e facilita a busca de alternativas para a resolução do que é revelado, expandindo os recursos psicológicos disponíveis através de métodos que vão além do trabalho verbal, envolvendo corpo e mente na ação¹.

O presente estudo tem o intuito de mostrar a importância do psicodrama na psicoterapia infantil e como se pode estar trabalhando nessa área de atuação com a criança. Trata-se de um assunto pouco estudado, com pouco conteúdo a disposição dentro do referencial psicodramático, o que torna este estudo colaborador no aumento do referencial teórico da psicoterapia infantil. Uma das poucas obras sobre a abordagem psicodramática com criança é o livro Psicodrama com crianças da autora Camila Salles Gonçalves, o qual será majoritariamente discutido nesse artigo.

Compreende-se que é de tamanha significância esse conhecimento, pois auxiliará a entender melhor como funciona a psicoterapia infantil através do psicodrama, sendo que nos cinco anos de curso de Psicologia da UNESC – Criciúma, este assunto é visto superficialmente, não tendo muita base para esta área de atuação na especificidade infantil. Busca-se, então, com esse estudo, compreender quais benefícios o psicodrama traz para a criança, conhecendo o funcionamento dessa abordagem e como ela atua dentro da área clínica infantil.

Em pesquisa, os autores Costa e Dias², afirmam que o próprio enfoque do curso de psicologia está mais voltado ao adulto do que à criança. Num contexto mais amplo, isso repercute na formação do psicólogo e na escolha dos estudantes ao fazerem sua opção de atuação, com isso, não tendo enfoque na área infantil.

Ao trabalhar com crianças, inevitavelmente se irá adentrar a uma forma lúdica, a espontaneidade. Espontaneidade segundo Gonçalves, Wolff e Almeida³, é reconhecemo-nos como agentes do nosso próprio destino, ao perdemos a espontaneidade viramos “peças de engrenagens”, nas quais somos colocados sem consentimento, impedindo assim nossa vontade. Quando recupera sua liberdade ou luta por ela, o homem reafirma sua essência, o que é próprio de sua natureza, ou seja, a espontaneidade. Quando o homem recupera sua liberdade, que é própria da natureza, ele recupera sua essência, ou seja, sua espontaneidade e é através desta que consegue-se criar, produzir, vindo de encontro à criatividade, pois são nesses momentos espontâneos que o homem é criativo⁴. A espontaneidade é um fator que permite um potencial criativo, então a criatividade é indissociável da espontaneidade.

O psicodrama tem como diferencial, não se fixar apenas em verbalizações e interpretações, mas sim, na re-vivência dos conflitos apresentados pelo cliente através da ação de métodos expressivos, buscando trazer o resgate da espontaneidade⁵. Considera-se que a contribuição da abordagem psicodramática é de extrema importância para a psicoterapia infantil, pois parece que seus métodos vêm ao encontro de uma forma lúdica de trabalhar, apoiado nos preceitos da espontaneidade e criatividade, mais especificamente na realidade suplementar do “como se”, que parecem ser importantes contribuições na psicoterapia infantil.

Pretende-se neste artigo, através de uma revisão de integrativa de literatura, utilizando obras do Psicodrama e da Ludoterapia, para compreender as possibilidades que o Psicodrama apresenta à psicoterapia com crianças.

2 HISTÓRICO DO PSICODRAMA E DE JACOB LEVY MORENO

O surgimento do Psicodrama, em sua dimensão teórica e enquanto técnica psicoterápica deve-se a Jacob Levy Moreno. De origem judaica, nascido na cidade de Bucarest, na Romênia, em 1889, era uma figura extrovertida, carismática,

bom orador, com uma vitalidade para o trabalho, dizia sempre: “Sabe o que faz e faz o que sabe”³.

Moreno, com cerca de cinco anos de idade, mudou-se com sua família para Viena, onde viveu experiências interessantes, como a brincadeira de ser Deus. Nessa brincadeira ele e várias crianças estavam no porão de sua casa, brincando de serem ‘Deus e anjos’. O céu era formado por caixotes empilhados em cima de uma mesa, com uma cadeira no alto que era o trono de Deus. Nesse trono estava o ‘menino Deus Moreno’ sentado, quando um dos anjos solicitou que ele voasse, assim ele fez, fraturando o braço direito ao cair no chão. Nessa brincadeira, foi onde surgiu o embrião de sua ideia de espontaneidade, um dos temas essenciais para a construção de sua obra³.

No período universitário, Moreno desenvolve três grandes trabalhos. Bernardes⁶ relata que o primeiro é com prostitutas. Objetiva a assistência médica e a organização destas, como classe trabalhadora. Com elas ele começa a desenvolver Psicoterapia de Grupo, sua primeira grande criação. O segundo acontece em campos de refugiados durante a primeira guerra mundial. Moreno propõe um trabalho de reorganização das tendas dos refugiados, levando em consideração os sentimentos positivos e negativos, que fluíram entre as pessoas de uma mesma casa e entre as casas. Bernardes⁶ acrescenta que esta ordenação está embasada nos princípios da Sociometria, sua segunda grande criação. O terceiro consiste na criação da “Casa do Encontro”. Trata-se de um espaço especialmente criado para abrigar famílias refugiadas, buscando-lhes trabalho e moradia para que prossigam suas vidas dignamente⁶.

Bernardes⁶ relata que Moreno conclui medicina em 1917 e se torna um médico comprometido com a saúde da sociedade. Amante das artes, particularmente o teatro, este jovem médico cria uma companhia de teatro e desenvolve uma modalidade teatral nova em contestação à tradicional. Esse novo teatro prioriza o desenvolvimento da espontaneidade do ator. Esta aí sua terceira criação: O Teatro Espontâneo (TE). O TE permite variações como o Playback, Jornal Vivo, Teatro de Reprise e Teatro Terapêutico. Nesse momento, Moreno percebe a potencialidade terapêutica do teatro e com isso nasce então o Psicodrama, sua quarta criação⁶.

Gonçalves, Wolff e Almeida³, colocam que o próprio Moreno, no período que se dedicou ao teatro, vê uma transição de sua fase religiosa para científica. Em vez de criar uma seita ou ingressar num mosteiro, aproveitou sua ideia da espontaneidade como natureza primordial, para se rebelar contra o falseamento das instituições sociais e à robotização do ser humano.

Psicodrama é uma via de investigação da alma humana, que busca recuperar a espontaneidade perdida do ser humano, através da dramatização. Portanto, entende-se o psicodrama como um método de trabalho que se propõe a investigar os fenômenos psicológicos através da ação, isto é, um modelo terapêutico que explora a representação dramática, que possibilita o livre desempenho de papéis e seus vínculos, trabalhando para ampliá-los¹.

Jacob Levy Moreno deu origem ao psicodrama a partir de sua filosofia de vida e visão de Homem que para ele é um ser em relação. Tinha o intuito de tratar toda a sociedade num projeto que denominou 'sociatria' (socius = sociedade; iatria = tratamento), do qual o psicodrama faz parte, com a finalidade de aplainar as dificuldades entre os homens, buscando melhorias em seu relacionamento e harmonia em seus grupos de convivência, numa amplitude universal⁷.

Perazzo⁸ relata que o psicodrama trouxe a noção do desenvolvimento humano com alegria; que um paciente é agente da cura do outro; a espontaneidade como forma de liberdade, pois é a expressão mais original de cada ser. O psicodrama valorizando o social e a formação de personalidade, através de elementos operativo-culturais do papel⁸.

Moreno nunca trabalhou ao estilo psicológico focado na escuta qualificada, sempre foi muito atuante nas terapias. Fonseca⁹ relata que o homem está no que faz e não no que oculta, no entanto há necessidade de espaço para o movimento e atuação do paciente, como também é importante a participação e a interação com outras pessoas.

3 PRINCIPAIS CONCEITOS DO PSICODRAMA

A concepção moreniana de homem é a de um ser espontâneo e social. Para Moreno, o individuo é estudado através de suas relações interpessoais e para investigar este estudo, ele criou a Socionomia que é o estudo das leis que regem o

comportamento social e grupal e isto foi dividido em três ramos: Sociodinâmica, Sociometria e Sociatria. A sociodinâmica que estuda o funcionamento ou a dinâmica das relações e tem como método de estudo o role-playing. A sociometria é o estudo que tem por objetivo, medir as relações entre as pessoas, usando o método sociométrico, que tem por prática quantificar as relações estudadas. Essa prática é feita em grupo e deve ser aplicada de forma integral, para que possa ser elaborado adequadamente pelos elementos do grupo. E por fim a sociatria que constitui a terapêutica das relações e seus métodos são a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama³.

As fantásticas teorias da Socionomia de Moreno se articulam com a proposta de uma revolução criadora, isto é, de recuperar a espontaneidade e criatividade que são dificultadas ou perdidas no decorrer do desenvolvimento humano pelas pressões do meio ambiente, sendo o grupo mais próximo a família (nominado por Moreno de Matriz de Identidade) e da rede social em que a família se insere³.

De acordo com Fator¹⁰ a identidade é formada durante um processo de desenvolvimento evolutivo humano que tem sua fundação na matriz de identidade. Este conceito de “matriz” é um dos pilares na obra moreniana. Com ele Moreno quer estabelecer a ideia de que há um universo fundante de inter-relações que dá origem às qualidades humanas. Com isso podemos estabelecer um processo evolutivo, a partir das vinculações psicossociais humanas, onde há mais de uma matriz, como a materna, a de identidade, a familiar, a social, entre outras. Esse processo evolutivo é possível através da representação dos papéis. Assim, as ações humanas (papéis) são caracterizadas pelas inter-relações (vínculos) presentes em cada uma e todas as matrizes humanas.

No processo de desenvolvimento do ser humano, conforme Moreno¹¹ podemos destacar três estágios principais:

- 1) Fase da indiferenciação ou duplo é quando ocorre a dependência total do bebê. A mãe constitui-se como o primeiro contato que a criança tem com seu mundo externo, fazendo uma mediação entre a criança e o mundo, suprimindo as necessidades desta, o que corresponderia à técnica do duplo. Desse modo, a técnica do duplo é utilizada quando o indivíduo não esteja em condições de agir

ou de se comunicar, necessitando de um mediador, que nos primeiros meses de vida corresponde à mãe¹²;

- 2) A fase do espelho ou de reconhecimento do eu surge no momento da descoberta da própria imagem, que provoca na criança concomitantemente o estranhamento e o reconhecimento de si, correspondendo à técnica do espelho. No contexto psicodramático a técnica do espelho proporciona o reconhecimento de si mesmo, por meio do olhar do outro que lhe devolve sua imagem para que este se reconheça¹²;
- 3) A fase da inversão de papéis ou reconhecimento do tu corresponde à etapa em que a criança torna-se capaz de desempenhar os papéis que observa, e posteriormente passa a compreender o desempenho de seu papel por um outro. No Psicodrama a técnica da inversão de papéis oportuniza condições de atingir e captar o ponto de vista do outro, sobre ele e sobre si mesmo¹².

Então quando discorreremos sobre matriz de identidade, estamos falando das pessoas de maior proximidade afetiva do indivíduo, que nasce dentro de um meio social. Essas pessoas de maior proximidade formam o átomo social, que para Moreno é a configuração social das relações que se desenvolvem desde o nascimento. Assim surge o *locus nascendi*, o local de onde nascem as relações, o princípio e de onde vêm todos os tipos de relações que se têm na vida³.

Segundo Moreno¹³ o surgimento do papel antecede o eu, pois os papéis já existem antes do surgimento deste eu. O primeiro papel que adotamos neste mundo é o de filho, pois antes mesmo de nascermos, já exercemos esse papel. Existem três dimensões para o surgimento do Eu, pensando-se na constituição dos papéis que vivemos: os primeiros são os fisiológicos ou psicossomáticos que são caracterizados pela criança ainda bebê, onde esta ainda não se vê diferenciada de outras pessoas e objetos, pois ainda não tem unidade própria. Logo após, vem o surgimento do papel psicodramático, nesta fase a criança começa a imitar algumas formas de ação que observa, mais ainda não desempenha ou representa um papel, pois não consegue distinguir papéis reais de imaginários. Por fim, vem o papel social, onde aqui se opera mais os papéis da realidade, começando a diferenciação do meu papel e do papel do outro, compondo assim a dimensão social do eu. Portanto, o eu é formado, em uma concepção moreniana pelos elementos privados e sociais¹³. Todos exercem vários papéis ao longo da vida e esses papéis estão em

várias fases do desenvolvimento, os desempenhamos com amigos, familiares, lugares onde estamos/vivemos, no trabalho e em outros lugares/situações ao longo da nossa jornada de vida.

Os papéis são desenvolvidos em três etapas: o *role playing*, *role taking* e *role creating*. O *role playing* é o jogo de papéis, em que você joga em todos os papéis que são estabelecidos, o *role taking* é a tomada de papel, mais que pode não ser consciente e por fim o *role creating* que seria o papel espontâneo¹³. No início da construção de um papel em nossas vidas, sempre temos um modelo a ser seguido e por conta disto, num primeiro momento jogamos o papel pelo que estamos vendo (*role playing*), logo após passamos a adotar este papel e incorporá-lo a nossa vida (*role taking*) e só depois de algum tempo, passamos a criar em cima destes papéis desempenhados (*role creating*), o que seria o momento do papel espontâneo.

Segundo Petrilli¹⁴ as Teorias do Momento (instante, aqui e agora) e os conceitos de ação, papéis, encontro e espontaneidade-criatividade, norteiam, com muita propriedade, o psicodramatista na clínica com crianças. Da mesma forma é possível considerar o conceito do sócio dinâmica inerente às relações interpessoais, preciosamente detectados e descritos por Moreno tais como *Role playing*, *Role taking* e *Role creating*, Fator Espontaneidade (Fator-E), Fator tele e Tele, Locus nascendi. E ainda tem os conceitos de Acting out, Catarse de Integração e, claro, os que se referem à Sociometria e à Psicoterapia de grupo.

Passagem ao ato significa em transpor para fora aquilo que o paciente tem dentro dele, para conseguir refletir, verificar e analisar tudo que está acontecendo com ele, com outro olhar e uma visão diferenciada, pois passando pelo ato, o paciente consegue expressar situações difíceis e conflituosas. O ato permite que o paciente consiga avaliá-lo por si só e ao terapeuta avaliar o comportamento do paciente, propiciando a catarse. A passagem ao ato é proporcionada no psicodrama pelos seus métodos de ação¹³.

Moreno¹³ coloca que a passagem ao ato (*acting out*) é de extrema importância para o paciente que está em alguma situação conflituosa, pois assim que o paciente faz a passagem por aquela situação, em plano terapêutico, ele consegue elaborar a questão em si. Mas precisa do cuidado, pois uma passagem ao ato mal feita pode gerar um desconforto maior e assim aumentar o conflito existente. Assim, o ponto crucial reside em tolerar e permitir a passagem ao ato, dentro de um

contexto que ofereça segurança e orientação terapêutica aptos a utilizar a experiência.

Moreno¹³ conceituou a catarse como uma forma de libertação para os autores que contracenam durante a cena, pois esta produz um efeito terapêutico. A catarse é a forma de aprender através dos conflitos, pois sempre que se tem uma situação e dela consegue-se sair, essa ação gera uma reflexão e dessa reflexão gera uma catarse ou libertação, que viabiliza o ressurgimento do Fator-E.

O Fator-E também conhecido como espontaneidade, é a capacidade de responder adequadamente as situações, de forma transformadora. Espontaneidade, então, é a capacidade de agir de modo 'adequado' diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou renovadora ou, ainda, transformadora de situações preestabelecidas. Quando recupera sua liberdade ou luta por ela, o homem reafirma sua essência, o que é próprio de sua natureza, ou seja, a espontaneidade. Ao recuperar sua espontaneidade o indivíduo pode ampliar sua capacidade télica³.

Moreno começou a chamar de Tele, o processo que a criança começa a fazer, quando distingue os objetos materiais dos seres humanos, em que esta começa a ter uma capacidade de percepção que não se reduz a captação feita pelos sentidos. A criança vai diferenciando objetos e pessoas, sem mudar seus aspectos essenciais. Moreno também trouxe o conceito de fator tele, que é o processo em que a criança já consegue responder de forma adequada ao que percebe³. A autora Cuzin⁴ traz como conceito de Tele, o processo que atrai os indivíduos ou que os repele, ou seja, cada pessoa, em qualquer grupo, vivencia vários sentimentos, como a atração, neutralidade, repulsão, entre outros, em relação às outras pessoas. Então o fator Tele está sempre presente, evoluindo desde o nascimento, dando sentido e dimensões realistas às relações humanas.

Por fim, conforme destacado por Gonçalves, Wolff e Almeida³, tem-se um conceito importante e organizador do psicodrama, que é o de encontro, uma espécie de convite, um tipo de convocação ou de apelo à sensibilidade do próximo, era convite para vivência simultânea e um apelo à espontaneidade. Essa convocação tem como objetivo a experiência renovadora e a vivência fora do cotidiano.

4 PSICODRAMA COM CRIANÇAS

No Brasil, o Psicodrama com crianças ainda está em desenvolvimento, pois, embora exista um expressivo número de psicodramatistas brasileiros, pouco se encontra sobre literatura específica ao olhar sobre a criança. É necessário que o psicodrama com crianças seja muito mais que uma simples adaptação das técnicas utilizadas com os adultos. É necessário criar um psicodrama para as crianças¹⁴.

Segundo Lepsch⁵ a demanda para psicoterapia com crianças é crescente e esta vem, normalmente, encaminhada quando a escola já não dispõe mais de artifícios para mediar às situações que se apresentam, ou mesmo por médicos, que não encontram males que justifiquem os sintomas apresentados nas queixas.

Diante deste quadro, a psicoterapia infantil se torna essencial, podendo trabalhar com a criança de maneira lúdica. No “como se”, a criança consegue demonstrar seus sentimentos/angustias de forma livre e espontânea, podendo encenar vários papéis e mostrando seus medos e fantasias, prazer e desprazeres, para que possamos entendê-la de sua maneira. A realidade suplementar (como se), conceituada por Moreno, trata-se de uma dimensão que vai além da realidade subjetiva e objetiva, é uma espécie de realidade cósmica, pois ela tem como característica estar fora do tempo e do espaço (compreendidos de forma somente linear), em que realidade e fantasia fundem-se, certo e errado ganham novas conotações e o mundo interno tem espaço para expressar-se de forma genuína. Com isso, o “como se” é para a criança uma realidade suplementar, permitindo a ela vivenciar experiências além do seu cotidiano, fazendo com que ela consiga expressar seus sentimentos¹⁵.

Desse modo, conforme Wechsler et al.¹⁶ a psicoterapia consiste na possibilidade de ressignificar os conteúdos que dão forma aos papéis, constituintes da Identidade. A Realidade Suplementar, compreendida como um caminho, um método que ampara o psicoterapeuta na condução a essa ressignificação é de grande valia e nesse contexto a ludoterapia pode ser relevante.

Gonçalves¹² afirma que a psicoterapia com crianças é sempre ludoterápica, onde o brincar é indispensável. A autora traz como um dos jogos indispensáveis, o teatro do faz de conta, que caracteriza-se como uma representação dramática, agindo “como se” ou “faz de conta que”. Essa brincadeira tem como objetivo fazer a criança expressar o que atinge sua sensibilidade, revelando muito de suas vontades e gostos, mostrando o que lhe dá prazer ou

desprazer, revelando muito o sentido que o mundo tem para a criança, mostrando através dos papéis imaginários “seu mundo”, onde ela é capaz de imitar, interpretar e reconhecer-se.

É importante ressaltar que o psicoterapeuta, para conseguir auxiliar essa criança, precisa manter um vínculo de forma a obter a confiança desta e sempre agir com naturalidade. Sendo que, dentro deste contexto infantil, deve-se resgatar a criança interior do terapeuta, para que a psicoterapia flua e assim se fortalece o vínculo terapêutico⁵.

É relevante estar atento ao trabalho pessoal do profissional por meio de psicoterapias, já que a sua criança está constantemente sendo acionada, por isso a importância do psicoterapeuta estar em processo terapêutico. Revisar a prática mediante supervisões e trocas entre profissionais é também uma necessidade, infelizmente há poucos profissionais que atuem nessa especialidade, o que faz com que psicodramatistas precisem aprender na ação. Nesse sentido, o Psicodrama pode favorecer o resgate da criança interna dos psicoterapeutas, por meio da realidade suplementar, no “como se”, auxiliando no treinamento do papel de psicoterapeuta infantil².

Segundo Gonçalves¹² é através da imaginação que o psicodrama consegue dar suporte para a criança superar seus obstáculos, além dos jogos, brincadeiras, histórias criadas/inventadas, usando sua espontaneidade, para que assim ela consiga relatar seu mundo interno. É nesse contexto proporcionado à criança, pela psicoterapia infantil, que consegue-se dar auxílio, para que esta consiga entender o que está se passando dentro dela e poder superar as dificuldades encontradas.

Para Axline¹⁷ a ludoterapia é uma oportunidade dada à criança de expressar seus sentimentos e problemas através do brincar/brinquedo, pois o jogo é o meio natural de auto-expressão. E esta pode ser tanto diretiva quanto não diretiva. Na ludoterapia diretiva o terapeuta assume a responsabilidade de orientar e interpretar a brincadeira e na não diretiva é dada à responsabilidade e a direção à criança. E para a autora, a não diretiva é a mais importante, pois esta terapia é caracterizada pelo pressuposto de que o indivíduo tem dentro de si um impulso de crescimento que faz o comportamento maduro, além de conseguir resolver seus problemas. Este tipo de terapia permite ao cliente ser ele mesmo e aceitar-se,

oferecendo a este, uma oportunidade de aprender a se conhecer e a traçar sua própria vida¹⁷.

A ludoterapia não diretiva oferece uma oportunidade à criança de poder crescer sob melhores condições, sendo o brincar/brinquedo a melhor forma para isto, pois consegue expressar seus sentimentos acumulados de tensões, frustrações, inseguranças, agressividade, medo, espanto e confusão. Quando a criança se liberta desses sentimentos, ela atinge certa estabilidade emocional, fazendo com que comece a se ver como um indivíduo que pensa por si mesma, tomando suas próprias decisões¹⁷.

Conforme Axline¹⁷, na sala de ludoterapia a criança é a pessoa mais importante, que está no comando de tudo, pois ninguém lhe diz o que fazer, ninguém critica ou a importuna ou faz sugestões, é só ela com o seu mundo particular.

Segundo a mesma autora conceder essa permissão à criança é o mesmo que estar lhe dando independência, maturidade, propiciando a esta, um conhecimento maior de si mesmo e um crescimento. Tudo isso reflete na criança, fazendo com que ela tenha a oportunidade de canalizar esse crescimento interior para uma perspectiva positiva e construtiva. Uma criança psicologicamente livre pode obter uma maneira construtiva e criadora de lidar com as adversidades, diferente da outra que gasta toda sua energia em enfrentar batalhas tensas e frustrantes para se libertar e atingir o seu lugar como indivíduo¹⁷.

Quando esta criança brinca livremente, sem ser dirigida, está expressando a sua personalidade, em que experimenta pensamentos e ações independentes e libera seus sentimentos e atitudes que sempre tentou demonstrar, mas nunca conseguiu. Este tipo de psicoterapia é baseada numa teoria positiva das capacidades individuais, sendo que ela começa onde o indivíduo está e deixa-o ir tão longe quanto ele é capaz de ir¹⁷.

Percebe-se então a importância que a ludoterapia tem para a psicoterapia infantil e especificamente para o psicodrama com crianças, dando a esta criança uma liberdade tão grande em que ela pode ser o que ela quiser, expressar todos seus sentimentos e com isso, se ver como um indivíduo pensante, com ideias, valores e saberes. Assim, é possível identificar um encontro harmônico e complementar entre os princípios da ludoterapia e a utilização do teatro do faz de

conta do psicodrama. Também se relaciona os princípios trazidos pela ludoterapia com os conceitos de Fator-E moreniano de role-creating, tendo em vista a ênfase na espontaneidade para a criação de novos papéis.

Gonçalves¹² afirma que toda brincadeira pode ser uma forma de manifestação do inconsciente do que a criança viveu, vive ou recorda, e pode ser tanto boa, quanto ruim, pois certos jogos fazem surgir cenas vividas. Sabe-se que a criança é influenciada pelo o que vive ou presencia em casa e na sociedade e tal influência pode afetar seu processo de desenvolvimento. São justamente essas vivências relevantes que a criança consegue trazer para o psicodrama de forma lúdica, através de jogos dramáticos.

Os jogos dramáticos, segundo Motta¹⁸ podem nascer de brincadeiras, através de desenhos ou histórias infantis e até mesmo dos materiais disponíveis na sala de psicoterapia, como os fantoches, roupas, perucas, maquiagens, máscaras, entre outros materiais. A partir destes materiais, a criança consegue montar seu próprio cenário e criar sua própria história, usando o “faz de conta” ou o “como se” e assim, vivencia seus jogos dramáticos, em que ela é a autora principal de sua história, relatando-a da sua maneira, sem crítica, interrupções ou medo. Assim o jogo dramático, busca o resgate da espontaneidade criadora, levando a criança a uma transformação dentro do psicodrama com crianças.

CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos apresentados, percebe-se a contribuição do psicodrama na psicoterapia infantil, tendo em vista a eficácia de suas técnicas no trabalho com crianças. Como a técnica do “como se” que proporciona à criança a possibilidade de ser o que quiser, revelando sua essência neste brincar e assim, expressando sua maior sensibilidade, ampliando seu potencial télico. Nessa brincadeira, ela consegue expor seu mundo, por meio de papéis imaginários e assim reconhecer o seu “eu”, e suas relações com os outros “tus” em seu universo social compartilhado.

Percebe-se a importância então do brincar dentro do contexto infantil na abordagem psicodramática, pois é nesse ato que a criança consegue demonstrar sua fragilidade e consegue ser ela mesma, tendo a liberdade para fazer o que quiser e ser o que entender, sem limites, ressalvas, regras, impedimentos, usando assim seu tempo de psicoterapia para fortalecer-se como pessoa e reconhecer-se como tal. A partir do momento que esta criança se reconhece, começa a aceitar sua maneira de ser e agir, tendo um grande fortalecimento pessoal.

A psicoterapia infantil na visão psicodramática favorece a criança uma evolução potencial criativa, dando a ela a oportunidade de crescimento e reafirmando a sua espontaneidade, muitas vezes perdida ao longo de sua jornada de vida. Consegue-se isto, através da ludoterapia não diretiva, que apresenta como pressuposto o conceito de que a criança já tem o potencial de desenvolvimento psicológico, cabendo ao psicoterapeuta utilizar desse espaço para propiciar as descobertas individuais.

Então a melhor forma de uma criança conseguir expressar seus sentimentos represados, como frustração, insegurança, medo, confusão é no brincar. Ao brincar esta consegue ser livre de qualquer julgamento, tendo a atenção só para ela, ampliando seu senso de confiança e fazendo com que comece a resolver seus próprios conflitos, por se sentir segura e capaz para isso.

Portanto, o psicodrama só vem a contribuir na psicoterapia infantil, com seus princípios epistemológicos e técnicas, buscando a espontaneidade desta criança e fazendo com que ela consiga crescer e se ver capaz de resolver suas questões, gerando uma confiança muito grande em si próprio e viabilizando

futuramente a capacidade de inversão de papéis, que propiciará relações futuras de “encontros”.

É necessário elencar a dificuldade para obter referenciais teóricos para escrever o presente artigo, tendo em vista que a maioria escreve apenas sobre a teoria e como funciona o psicodrama de grupo com crianças, mas não focado para o tratamento bipessoal. Constata-se a falta de prática para exercer este papel de psicoterapeuta infantil na abordagem psicodramática, justamente por ela ser pouco visada ou estudada. Fica como uma lacuna do artigo, sugestão de novos estudos/pesquisas, visando o estudo da prática bipessoal dentro do psicodrama na área infantil.

REFERÊNCIAS

- 1 Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP). O que é Psicodrama. 2016.
- 2 Costa MIV, Dias CMB. A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt terapia e centrada na pessoa. *Estud psicol*, 2005 mar;22(1):43-51.
- 3 Gonçalves CS, Wolff JR, Almeida WC. Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.
- 4 Cuzin MI. As relações Interpessoais à Luz do psicodrama. Campinas, SP: [s.n.], 2008.
- 5 Lepsch MP. A Importância do brincar no Psicodrama com crianças. *Periódico Científico Out Palav*, 2015;11(1):24-30
- 6 Bernardes MP. Psicodrama e Lócus: Uma História. *Lócus*, 2015sep:1-6.
- 7 Almeida WC. O que é psicodrama. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- 8 Perazzo S. Ainda e sempre Psicodrama. São Paulo: Ágora, 1994.
- 9 Fonseca Filho JS. Psicodrama da loucura: correlações entre Buder e Moreno. 2a ed São Paulo: Ágora, 1980. 139 p.
- 10 Fator T. A Teoria Psicodramática e o Desenvolvimento do Papel Profissional. 2010.
- 11 Moreno JL. Psicodrama. São Paulo: Editora Cultrix. 1993.

- 12 GONÇALVES Camila. Salles. Técnicas básicas, duplo, espelho e inversão de papéis. In: Monteiro RF. Técnicas fundamentais do Psicodrama. São Paulo: Agora, 1998. p 56-68.
- 13 Moreno JL. Psicodrama. 4a ed. São Paulo: Cultrix, 1997. 492p.
- 14 Petrilli SRA. Psicodrama com crianças: raízes, transformações e perspectivas. In: Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Psicodrama 2002.
- 15 Moreno ZT, Blomkvist LD, Rützel T. A realidade suplementar e a arte de curar. São Paulo: Ágora, 2001. 177 p.
- 16 Wechsler MF, Santos TF, Santos MA, Silveira MN. Psicodrama com crianças: das intervenções clínicas às psicossociais. Rev bras psicodrama, 2014;22(2):25-5.
- 17 Axline VM. Ludoterapia: A Dinâmica Interior da Criança. Belo Horizonte: Interlivros. 1984.
- 18 Motta JMC. O Jogo no psicodrama. São Paulo: Ágora, 1995. 143 p.